

## **ENTRE SABERES E SABORES: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE CAMPO NA FEIRA RAÍZES DO CAMPO, JABOTICATUBAS - MG<sup>1</sup>**

Gabriela Regina da Silva Fernandez<sup>2</sup>

Virgínia de Lima Palhares<sup>3</sup>

Clara Lua Silva Medeiros<sup>4</sup>

### **RESUMO:**

Este trabalho é resultado de uma das atividades realizadas no projeto de extensão “Valorização dos Saberes e Sabores de Jaboticatubas”, cujo objetivo é preservar a cultura do município de Jaboticatubas e impulsionar a segurança alimentar e a resistência ao agronegócio, por meio da pesquisa e extensão voltada à construção de um catálogo de receitas tradicionais da região. Como parte do projeto, os estudantes participantes realizaram um trabalho em campo na Feira Raízes do Campo, em Jaboticatubas - MG e realizaram entrevistas com os feirantes para identificar os alimentos e receitas tradicionais que farão parte do catálogo a ser elaborado pelos participantes do projeto. Após o trabalho em campo, os estudantes elaboraram relatos sobre suas experiências na feira e o seu contato com os feirantes. A partir da análise de tais relatos, este estudo foi desenvolvido buscando compreender como a utilização dessa ferramenta foi percebida pelos estudantes e como tal proposta colaborou para o desenvolvimento de uma metodologia participativa nas atividades do projeto em questão. Nos relatos, os estudantes apresentaram informações sobre a organização da feira, os alimentos mais comercializados, além do perfil dos feirantes e dos consumidores. A utilização dos relatos permitiu com que eles pudessem narrar, de forma mais pessoal, como se sentiram ao estar na feira pela primeira vez e ter contato com os agricultores. A utilização desta abordagem demonstrou como tais atividades não se resumem apenas à coleta de dados e se transformam em oportunidades para o desenvolvimento de uma plataforma de diálogo entre todos os sujeitos envolvidos.

**Palavras-chave:** Feira agroecológica, Trabalho em campo, Extensão universitária.

### **ABSTRACT:**

This work is the result of one of the activities carried out in the extension project "Valuing the Flavors and Knowledge of Jaboticatubas," which aims to preserve the local culture and promote agroecology through research and extension focused on the elaboration of a catalog of traditional recipes from the region. As part of the project, participating students conducted fieldwork at the Raízes do Campo Fair in Jaboticatubas - MG and wrote narratives about their experiences at the fair. Based on the analysis of these narratives, this study was developed to understand how the use of this tool was perceived by the students and how this approach contributed to the development of a participatory methodology in the project's activities. In their reports, the students were able to provide information about the organization of the fair, the profile of the vendors, and the consumers. The use of these narratives allowed them to narrate, in a more personal way, how they felt being at the fair for the first time and interacting with the farmers. This approach demonstrated how these activities go beyond data collection and serve as opportunities to develop a platform for dialogue among all the participants involved.

**Keywords:** Qualitative methodology, Narratives, Fair, Fieldwork, University extension.

---

<sup>1</sup> Resultado do projeto de extensão “Valorização dos Saberes e Sabores de Jaboticatubas”, registro SIEX/UFMG nº 404546.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais; [gabi.rsfernandez@gmail.com](mailto:gabi.rsfernandez@gmail.com).

<sup>3</sup> Professora associada da Universidade Federal de Minas Gerais; [palhares.vi@gmail.com](mailto:palhares.vi@gmail.com).

<sup>4</sup> Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais; [luaclara.medeiros@gmail.com](mailto:luaclara.medeiros@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

A universidade pública se estrutura apoiada nos pilares da pesquisa, extensão e ensino. A extensão universitária, como um desses pilares, é relevante tanto no campo institucional quanto da sociedade, proporcionando aos atores envolvidos experiências que serão úteis na relação que estes podem estabelecer com o mundo em suas práticas cotidianas. Além disso, a extensão, especialmente nas universidades públicas, contribui notadamente no desenvolvimento do senso crítico dos estudantes possibilitando-lhes construir um conhecimento e dialogar com a comunidade na qual estão inseridos. (Moreira; Palhares, 2018).

Neste contexto, o projeto de extensão "Valorização dos saberes e sabores de Jaboticatubas: produção compartilhada de catálogo de receitas de alimentos tradicionais com alunos da Escola Estadual Arco Verde e agricultores familiares agroecológicos" se destaca como uma iniciativa interdisciplinar, reunindo 12 estudantes da Escola Estadual Cardeal Arcoverde, três graduandos e uma professora do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), duas professoras da rede básica de ensino, sendo uma mestranda em Educação e uma mestranda em Geografia, em parceria com agricultores familiares agroecológicos. O objetivo central dessa iniciativa é preservar a cultura do município de Jaboticatubas e impulsionar a agroecologia, por meio da pesquisa e extensão voltada à construção de um catálogo de receitas tradicionais, com relevância especial para as famílias associadas à Associação Amanu<sup>5</sup>. Este catálogo será divulgado nas escolas estaduais do município bem como na feira agroecológica Raízes do Campo.

De acordo com Medeiros, Gontijo e Sobral (2024), a Amanu fomenta a criação de grupos autogestionados como o Armazém Raízes do Campo, a Casa Comunitária do Coco Macaúba, a Metodologia Camponês a Camponês (MCaC) e a Raízes do Campo- a feira agroecológica de Jabó. As atividades mais recentes do projeto incluíram entrevistas semiestruturadas com os agricultores familiares da Feira Raízes do Campo. Inspiradas na metodologia proposta por Gil (2002), essas entrevistas proporcionam maior liberdade aos entrevistados, permitindo que relatem suas experiências de maneira abrangente. Tal aspecto é particularmente importante para identificar receitas tradicionais de significado cultural e

---

<sup>5</sup> A Associação Amanu - Educação, Ecologia e Solidariedade (Amanu) é uma organização civil sem fins lucrativos que promove a agroecologia e é composta por agricultores familiares, artesãos, técnicos, professores, produtores artesanais, além de povos e comunidades tradicionais.

registrar saberes agrícolas transmitidos ao longo das gerações. Essa etapa do projeto serve tanto para agregar valor à pesquisa como para ajudar com a preservação e valorização dos conhecimentos ancestrais.

Dentre as atividades propostas, o trabalho em campo realizado na feira Raízes do Campo também serviu como o início de uma nova fase para o projeto. A realização das entrevistas semiestruturadas conduzidas pelos estudantes foram utilizadas como forma de coletar informações com os agricultores para compreender as práticas e saberes locais, além da própria dinâmica da feira. A partir desse trabalho, a análise das dinâmicas familiares, demografia dos feirantes, e a disposição das barracas por parte dos estudantes revelou um maior envolvimento com a comunidade e suas tradições.

Este texto concentra-se nos relatos resultantes do primeiro trabalho em campo na feira Raízes do Campo, que desempenha um papel essencial na coleta de dados e na compreensão da dinâmica cultural da comunidade. Os relatos elaborados pelos estudantes refletem uma abordagem qualitativa baseada em suas experiências, em que cada estudante pode construir sua narrativa demonstrando como, à sua maneira, a participação no projeto possui um impacto em sua formação. Ao serem instigados a dialogar com os feirantes, cada jovem teve a oportunidade de ser protagonista da pesquisa, além de aprofundar seu entendimento sobre a realidade de sua comunidade.

A abordagem qualitativa na pesquisa pode ser caracterizada pela valorização do saber do outro, proporcionando uma interação significativa entre os pesquisadores e os indivíduos cujas histórias são reveladas e compartilhadas (Paula *et al.*, 2007). Esse tipo de abordagem permite descrever os modos de vida e de trabalho em diferentes contextos culturais, refletindo como esses espaços, tempos e lugares são constantemente moldados e recriados pelas pessoas. Assim, as entrevistas servem, também, para fortalecer a conexão entre estudantes, professores e agricultores envolvidos.

Em suma, o projeto se encontra além das fronteiras acadêmicas tradicionais, assumindo uma abordagem integral que incorpora ativamente a comunidade local. O trabalho em campo na feira Raízes do Campo e as demais atividades propostas, como as entrevistas, são peças interconectadas de um processo educacional, cultural e ambiental mais amplo. Este projeto, além de ser uma iniciativa acadêmica, surge do esforço coletivo dedicado à preservação e celebração dos saberes e sabores que fazem parte da história do município de Jaboticatubas.

## **A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM JABOTICATUBAS E O TRABALHO EM CAMPO NA FEIRA RAÍZES DO CAMPO**

O município de Jaboticatubas está inserido na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e abriga uma população de 20.406 pessoas (IBGE, 2022). Trata-se do município com a maior extensão territorial de toda a RMBH e possui grande parte de seu território enquadrado como área de conservação ambiental onde fazem parte a APA Morro da Pedreira e o Parque Nacional da Serra do Cipó. Culturalmente, Jaboticatubas tem forte vínculo com a agricultura familiar, especialmente através de iniciativas como a Feira Raízes do Campo, que promove o comércio de produtos agroecológicos e artesanais produzidos pelas comunidades rurais locais.

A feira Raízes do Campo, criada em 2013 pela Associação Amanu e com o apoio da prefeitura de Jaboticatubas, começou a partir da união de agricultores de comunidades rurais do município, como Capão do Berto, Espada, Xirú, Almeida, Barreiro, Capão do Sapé, Mato do Tição, Jardim das Oliveiras, Paciência, Maré Mansa, Sede, Capão Grosso, Vila de Santa Rita, Santo Antônio da Palma e São José da Serra. A iniciativa para iniciar uma feira foi fruto de um diagnóstico realizado pela Amanu em 2012, cujos agricultores do município apontaram algumas questões referentes à produção agroecológica da região, dificuldade na comercialização de produtos vindos de pequenas produções, além da falta de incentivos aos agricultores.

Assim, a feira é vista como um local de interação direta entre os produtores e a comunidade, sendo um espaço fundamental para a realização de atividades do projeto de extensão em questão, além da coleta de dados sobre as relações sociais e econômicas que moldam a agricultura familiar na região. A presença de uma diversidade de produtos e práticas agrícolas permite uma análise aprofundada das estratégias adotadas pelos agricultores para superar as dificuldades enfrentadas, bem como das soluções encontradas para promover a sustentabilidade e a preservação ambiental.

Nesta visão, a feira estabelece uma série de objetivos fundamentais que visam promover o desenvolvimento sustentável da região e fortalecer a agricultura familiar local. Esses objetivos refletem um compromisso com a comunidade, a preservação ambiental e a valorização cultural. Reforçando o papel da feira, temos que

[...] A feira livre é uma expressão de uma “geografia menor”. É uma forma de resistência a esse fenômeno mundial conhecido como globalização, na qual ocorre uma homogeneização econômica, porém com rebatimentos na cultura. A modernidade se impõe trazendo outras práticas sociais para se sobreporem à urbanidade em vigor. Diante disso, a feira livre é uma forma de permanência de

grupos locais, com suas peculiaridades e formas de viver de modo solidário (Palhares, 2016, p. 1715).

Além disso, feiras agroecológicas representam um espaço estratégico para a promoção da soberania alimentar, uma vez que estabelecem vínculos diretos entre agricultores familiares e consumidores, fortalecendo circuitos curtos de comercialização e reduzindo a dependência de intermediários. Esse contato direto garante maior transparência nas relações de troca, possibilitando que o consumidor conheça a origem dos alimentos, os modos de produção e os valores sociais que orientam as dinâmicas da agricultura familiar. O conceito de soberania alimentar, como afirma Costa (2022), diz respeito aos direitos dos povos a decidir sobre os próprios sistemas alimentares, trata-se do direito humano a alimentos saudáveis e produzidos por métodos seguros e sustentáveis.

Assim, a feira Raízes do Campo, em Jaboticatubas, se destaca como um exemplo de resistência ao modelo produtivista vigente e permanência das tradições agrícolas do município. Ao longo dos últimos dez anos, ela se consolidou como um espaço vital para a valorização da agricultura familiar, resistindo à pressão do mercado imobiliário por meio de loteamentos e condomínios horizontais que seguem ameaçando as práticas culturais e econômicas locais. Além disso, a feira também se tornou um espaço importante para o desenvolvimento do projeto, na medida em que é onde algumas oficinas e outras atividades são realizadas, proporcionando uma aproximação com os agricultores e consumidores.

## **METODOLOGIA**

Como parte das atividades do projeto de extensão, foi organizado um trabalho em campo na feira para que os estudantes pudessem ter um contato mais direto com os agricultores, além de conhecer melhor o espaço onde a feira acontece. Antes da realização desse trabalho, os estudantes foram orientados, durante um encontro do projeto, a selecionar quais aspectos seriam relevantes para serem observados e quais informações eles deveriam buscar durante as entrevistas com os feirantes. A escolha pela realização de entrevistas semiestruturadas foi motivada pela necessidade de uma compreensão mais contextualizada das experiências dos agricultores, na medida em que permite que o entrevistador retome a questão original ao perceber desvios, enquanto dá ao entrevistado a liberdade de falar abertamente sobre o assunto (Gil, 2002).

No dia da realização do trabalho em campo, os participantes receberam orientações sobre alguns aspectos a serem observados e registrados, sendo eles: i) faixa etária dos

feirantes da Associação Amanu; ii) gênero dos feirantes e a presença de pessoas LGBTQIAPN+ dentre os agricultores; iii) quantidade e disposição das barracas no espaço da feira; iv) variedade de produtos disponíveis em cada barraca; v) vínculo e relações familiares entre os feirantes de cada barraca; vi) produtos mais vendidos e mais procurados pelos consumidores.

Ademais, os estudantes também foram incentivados a explorar e destacar outros aspectos que julgassem relevantes. Tal abertura serviu para instigá-los a observar a dinâmica do espaço, valorizando suas percepções que, posteriormente, fizeram parte de seus relatos. O propósito dessa abertura foi promover uma observação mais diversificada da dinâmica da feira, permitindo que cada estudante pudesse captar e interpretar elementos que fossem significativos a partir de sua própria perspectiva.

Para realizarem as entrevistas, os estudantes foram divididos em quartetos e, ao longo do evento, circularam pelas barracas que despertavam seu interesse, se aproximando dos agricultores para realizar as entrevistas. Como parte do trabalho, cada estudante ficou encarregado de fazer registros detalhados em seus cadernos de campo para, após a atividade, utilizarem o material para a elaboração de seus relatos.

## **O TRABALHO EM CAMPO NA GEOGRAFIA**

Para falarmos sobre geografia, os trabalhos em campo merecem um destaque maior por serem a oportunidade do geógrafo se envolver com seu objeto de estudo e perceber com mais clareza as relações existentes entre sociedade e natureza. Além disso, ressaltamos que o uso da preposição “em” ao falarmos das atividades em campo tem como foco demonstrar como tal trabalho é feito em movimento e se pauta na interação entre os sujeitos e a realidade investigada. Dessa forma, pensaremos o trabalho em campo como

[...] toda a atividade que proporciona a construção do conhecimento em ambiente externo ao das quatro paredes, através da concretização de experiências que promovam a observação, a percepção, o contato, o registro, a descrição e representação, a análise e reflexão crítica de uma dada realidade, bem como a elaboração conceitual como parte de um processo intelectual mais amplo, que é o ensino escolar. Ou, em decorrência de experiência mais recente vinculada à formação técnica, a observação e interpretação do espaço e suas formas de organização, inerentes à prática social. (Neves, 2015, p. 20)

Apesar do foco deste trabalho estar nos relatos elaborados pelos estudantes, o trabalho em campo, sendo a experiência que proporcionou a elaboração de tais narrativas, deve ser reconhecido por seu potencial para explorar fenômenos geográficos a partir da interação entre

os indivíduos. De forma específica, estaremos refletindo como os relatos podem ser utilizados enquanto ferramenta pedagógica para valorizar a experiência do discente a partir do campo.

Nisso, temos a importância do trabalho em campo não só para a formação disciplinar dos estudantes, mas como possibilidade de ampliação de seus conhecimentos, conforme ressaltado por Hissa e Oliveira (2008). Pensar o trabalho em campo é primordial para que se tenha o contato com o espaço em sua forma mais real, apresentando todas as possíveis relações de forma conjunta e integradas, mas também um momento em que o olhar crítico deve ser usado, pois a verdadeira realidade percebida do campo pode estar camuflada ou escondida.

Buscando compreender a dinâmica desse espaço, o geógrafo deve ser capaz de abrir os olhos para, não ver apenas o que quer, mas se comprometer a observar a realidade como ela se apresenta (Brunhes, 1964). Desse modo, ele deve reconhecer as diversas experiências e perspectivas dos sujeitos, principalmente aquelas que são marginalizadas ou invisibilizadas. Ao fazer isso, o pesquisador contribui para uma compreensão melhor dos fenômenos estudados, levando em consideração as vivências e necessidades de diferentes grupos sociais.

Brunhes (1964) também enfatiza a necessidade de captarmos as formas precisas da realidade terrestre em toda sua extensão material e em suas zonas limítrofes. Esta visão implica reconhecer a configuração física desse espaço geográfico, bem como suas diversas representações. Assim, torna-se possível buscarmos um sentido geográfico que exija uma percepção mais realista das manifestações da atividade humana, econômica, histórica e política. Com isso, temos o espírito geográfico que nos orienta a integrar essas dimensões variadas para uma compreensão mais profunda e abrangente do espaço e das dinâmicas que o moldam.

Para isso, é necessário não apenas observar, mas sentir e reconhecer que a visão não deve ser o único sentido explorado para compreender a complexidade dos fenômenos observados. Afinal,

[...] a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato. Por exemplo, coisas que um arquiteto, um artista vêem, outros não podem ver ou o fazem de maneira distinta. Isso é válido, também, para profissionais com diferente formação e para o homem comum (Santos, 1988, p. 22).

Como ressaltado no trecho acima, nosso aparelho cognitivo desempenha um papel crucial na apreensão da paisagem. Isso se deve ao fato de que nossos processos de educação e socialização nos ensinam a interpretar o mundo de maneiras específicas e muitas vezes

seletivas. A educação formal e informal molda o modo como observamos e entendemos a realidade, influenciando o que consideramos relevante ou insignificante. Por exemplo, um professor pode perceber e valorizar aspectos da paisagem que são invisíveis para o observador comum, devido a sua formação e atuação. Da mesma forma, nossos estudantes podem notar e valorizar aspectos estéticos e emocionais que podem passar despercebidos por outros.

O reconhecimento de que os sujeitos que dão significado ao trabalho em campo são aqueles que o realizam, os pesquisadores. Por mais que o foco seja a produção de dados mais objetivos, sua coleta se dá a partir da subjetividade da interação entre as pessoas. Assim, o trabalho em campo

[...] é uma vivência, ou seja, é um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento, que diferentes categorias de pessoas fazem, realizam, por exemplo, antropólogo, educador e pessoas moradoras de uma comunidade rural, lavradores, mulheres de lavradores, pequenos artesãos, professoras das escolas e assim por diante (Brandão, 2007, p. 12).

Essa influência da educação e da formação na percepção da paisagem evidencia a importância de considerarmos a diversidade de pontos de vista na análise do espaço. Cada indivíduo, moldado por suas experiências, formação e contexto social, traz uma perspectiva única que pode enriquecer nossa compreensão dos fenômenos observados. Além disso, incentivar os estudantes a explorarem e expressarem suas próprias percepções permite que eles valorizem suas visões de mundo e reconheçam a diversidade de perspectivas que existem ao seu redor.

Existe a necessidade da compreensão do trabalho em campo como uma atividade que não seja pautada apenas em uma simples descrição. A observação do objeto de pesquisa, com os diversos olhares, referindo-se de uma maneira além da simples disciplinaridade, é algo que necessita de um esforço de conceituação e também das interpretações. Conforme apontado por Hissa e Oliveira (2008), os trabalhos de campo precisam ser compreendidos como um instrumento de transformação importante e possuem uma grande força para o fortalecimento da Geografia enquanto ciência.

Ademais, é preciso destacar que o objeto de estudo da Geografia não é o espaço geográfico, mas, sim, o caráter dinâmico das relações que o compõem. Nesse sentido, reconhecer as experiências pessoais dos sujeitos se torna parte da compreensão do que é o trabalho em campo e qual o objeto de estudo dessa ciência. Segundo Bondía (2002, p. 21), "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca". Desta maneira, a experiência não é algo que simplesmente ocorre; ela é vivida e interpretada pelo sujeito.

Assim, o papel do trabalho em campo pode ser baseado no modo como os objetos de estudo das diferentes especializações são visualizados simultaneamente no espaço, permitindo ao sujeito a percepção das influências de tais objetos sobre os outros. Dessa forma, o campo é colocado como uma das oportunidades mais práticas para o desenvolvimento de estudos geográficos, visando a totalidade da Geografia.

Conforme Freire (2023, p. 119), "a localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo. "Seu Mundo", em última análise, é a primeira e inevitável face do mundo mesmo. Embora essa abordagem seja centrada no estudante, é fundamental o docente saber trabalhar a partir dessas experiências, sem se restringir a elas. Afinal, "uma educação sensível é aquela que pode fornecer aos sujeitos a compreensão do mundo sem perda da visão de globalidade, sem perda tampouco da sensibilidade" (Pimenta, 2023, p. 39). Isso pode nos levar a uma educação capaz de abranger práticas, conhecimentos e metodologias focadas no relacionamento emocional dos sujeitos ao interagirem com o mundo (Salomão de Freitas *et al.*, 2016).

Ao explorar essas relações, Freire (2023) nos oferece a possibilidade de trazer aos educandos a alegria no ato de estudar, mesmo diante das exigências do processo, além de encorajá-los a se reconhecerem como parte do mundo que é ensinado, aprendido e estudado. Desse modo, o professor possui a responsabilidade de integrar as experiências e os saberes que os estudantes trazem consigo, utilizando-os como parte essencial de sua prática pedagógica. É crucial reconhecer que, no contexto educacional, o que é ensinado geralmente está mais próximo do docente do que dos estudantes. Portanto, para que os estudantes avancem em sua aprendizagem, é necessário partir de algum lugar. Como Freire (2023) sugere, podemos começar a partir do "aqui" desses educandos, dando sentido ao processo educacional e criando uma ponte entre seus mundos e o conhecimento formal.

Considerando essa perspectiva, a extensão universitária oferece uma oportunidade valiosa para o desenvolvimento de propostas pedagógicas que promovam o protagonismo dos estudantes. Ao conectar o conteúdo de Geografia estudado na escola com as realidades do mundo em que vivem, esses projetos permitem que os estudantes compreendam de forma mais profunda e prática como os conceitos estudados estão presentes na realidade em que eles estão inseridos.

## **OS RELATOS DE EXPERIÊNCIA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA**

Os relatos de experiência, ao serem empregados como ferramenta qualitativa, permitem aos estudantes capturar contextos e subjetividades que poderiam escapar caso fossem utilizadas outras estratégias. Assim, tornam-se uma ponte eficaz entre a naturalidade das interações humanas e a análise mais formalizada, enriquecendo a compreensão e a representação das experiências vivenciadas durante as pesquisas de campo.

Conforme Carvalho (2011), o gênero relato de experiência se revela como um mecanismo linguístico resultante de ações naturalizadas ao longo das vivências dos sujeitos. Assim, esse instrumento linguístico não apenas reflete o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, mas também desempenha um papel crucial nos trabalhos de campo. Ao internalizar a estrutura narrativa dos relatos, os estudantes são capazes de aprimorar suas habilidades de comunicação além de desenvolver sua capacidade aguçada de observação e interpretação de eventos e fenômenos ao seu redor. Nos trabalhos em campo, a aplicação desse gênero proporciona uma abordagem mais flexível para a coleta de dados primários, na medida em que é capaz de abranger, além das informações buscadas pelos pesquisadores, a forma como a interação com os feirantes ocorre.

Dessa forma, os relatos dos estudantes integrantes do projeto, desenvolvidos a partir do trabalho em campo na feira Raízes do Campo, apresentam registros das observações feitas por eles e também expressam como foi o primeiro contato destes jovens com os agricultores da região. Tais pontos dão a estes relatos uma maior personalidade ao capturar as primeiras impressões e o que os estudantes sentiram ao se depararem com a realidade da comunidade agroecológica local.

Este trabalho em campo na feira, além de ser uma atividade de coleta de dados, serviu como uma oportunidade para compreender as percepções dos estudantes sobre o trabalho realizado por eles. Os relatos, ancorados nesse primeiro contato, transmitem o que foi observado e como essas observações impactaram os jovens, muitos dos quais podem ter tido um contato limitado com a agricultura e a dinâmica de uma feira comunitária ao longo de suas vidas.

O fato de ser o primeiro encontro da maioria dos estudantes com os agricultores do município, confere aos relatos outra camada de interpretação. Essas narrativas não se constituem em reflexões de observadores experientes, mas, sim, expressões espontâneas e reações genuínas do contato com uma realidade, até então, pouco explorada. Essa autenticidade é um elemento fundamental na compreensão das interações, das emoções e descobertas dos estudantes ao proporcionar uma visão mais pessoal das experiências vivenciadas por eles na feira.

A partir dos relatos, as interações com os feirantes são evidenciadas e se tornam o plano de fundo para a interpretação do sentido da realização dessa atividade. Os estudantes, ao narrarem suas interações com os agricultores, além de relatarem o que experienciaram, revelam a forma como foram recebidos, as histórias compartilhadas e a impressão geral de pertencimento à comunidade local. Esses aspectos são acentuados pela valorização da experiência, que potencializa a expressão das emoções de cada um.

Tal perspectiva nos fornece um ponto de partida para a análise dessas narrativas, permitindo que nós, pesquisadores, não apenas entendamos as interações que ocorreram na feira, mas, também, observemos como os estudantes, ao se depararem com uma realidade até então distante, percebem e interpretam a complexidade das relações entre agricultores, comunidade e cultura local. Assim, esse primeiro contato não só adiciona profundidade à pesquisa, mas também destaca a relevância dos relatos como uma ferramenta sensível e eficaz na captação das experiências iniciais desses jovens pesquisadores.

Dessa forma, os relatos dos estudantes constituem uma fonte rica de informações para além da simples coleta de dados. Trata-se de narrativas, na medida em que são caracterizadas pela evocação de memórias, se tornando uma representação sobre o que ocorreu na experiência em questão (Menezes; Costella, 2020). Essas narrativas não são apenas registros, na verdade são colocadas como testemunhos autênticos da experiência na feira, enriquecendo a pesquisa com uma dimensão humana e emocional que contribui significativamente para a compreensão da interação entre os estudantes e a comunidade agroecológica de Jaboticatubas.

Portanto, percebemos que os relatos utilizados neste trabalho são únicos e não seriam os mesmos caso os estudantes fossem refazê-los ou apenas houvesse apenas uma narrativa oral da experiência vivida nesse trabalho em campo. Ao utilizar os relatos escritos, os estudantes tiveram a oportunidade de estruturar uma narrativa de acordo com suas memórias, em que eles foram os responsáveis por definir o que foi mais importante e o que caracterizou o trabalho em campo para eles.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como mencionado anteriormente, os relatos deram aos estudantes a oportunidade de expressar a essência de suas interações com os feirantes, destacando a receptividade e dedicação dos agricultores em compartilhar seus saberes. Também foram notáveis as observações sobre a socialização na praça durante a feira e a importância de perceber o evento não apenas como um local de comercialização, mas como o lugar do encontro. Além disso, os

estudantes expressaram sua satisfação em participar do projeto, evidenciando os saberes adquiridos ao se envolver em uma experiência prática e interativa como esta. Ademais, destacamos que, para preservar a identidade dos participantes, todos os nomes utilizados nos relatos dos estudantes são fictícios.

Em geral, os relatos foram curtos, manuscritos e redigidos, em média, ao longo de uma página. Na estrutura geral, foi possível perceber a presença de uma introdução identificando onde o trabalho em campo aconteceu e a data em que foi realizada a atividade, além de menções sobre como o projeto proporcionou esta experiência que, segundo os estudantes, foi bastante satisfatória, como pode ser percebido nos trechos abaixo:

Para começarmos, minha experiência na feira sempre ficará nas minhas memórias mais felizes por várias razões, como a variedade de alimentos encontrados em apenas um lugar, em um local único, que é difícil encontrar em cidades assim (Trecho do relato de estudante A).

No dia 12/08/23, nós, alunos do projeto de extensão “Valorização dos saberes de Jabó”, realizamos uma aula de campo na feira Raízes do Campo [...]. Foi uma manhã muito prazerosa, pude conhecer de fato a feirinha, todo o seu significado e importância (Trecho do relato de estudante B).

Como pode ser observado nos trechos acima, apesar das diferenças na estrutura das narrativas, há o destaque para o uso de adjetivos que buscam expressar a experiência positiva que o trabalho na feira teve para cada um. Outro ponto importante a ser ressaltado é que, mesmo estudando no município, o trabalho na feira foi, para a maioria dos participantes do projeto, a primeira visita à feira. Isso reforça a importância do projeto de extensão na preservação dos sabores e saberes ao envolver os estudantes em atividades que valorizam a cultura local e as tradições agroecológicas da região.

Durante a atividade, os estudantes tiveram que tomar a iniciativa para conversar com os feirantes e, conforme relatado pelos estudantes, eles foram recebidos com muita satisfação pelos agricultores, como descrito abaixo:

Sobre o dia em que fui, eu lembro que estava com um enorme interesse em aprender sobre o assunto por ser bastante interessante. Eu fui com uma enorme empolgação em todas as barracas e os feirantes nos trataram com enorme educação (Trecho do relato de estudante F).

Foi uma entrevista informal e muito divertida. Conversamos sobre a vida dos feirantes, onde eles aprenderam o que fazem hoje e como se sentem participando da feirinha (Trecho do relato de estudante C).

Quanto às respostas encontradas para as questões norteadoras, os relatos apontam para uma predominância de mulheres entre os feirantes, com uma insignificante representação jovem. Destaca-se que muitos feirantes possuem vínculos familiares, indicando uma tradição familiar na participação na feira e na geração de renda. Algumas nuances da diversidade dos

produtos e da interação entre os feirantes e os consumidores também emergem nos relatos, proporcionando uma visão aprofundada da dinâmica da feira.

A partir do contato com os feirantes e consumidores, os estudantes foram capazes de entender o significado da feira para as diferentes pessoas envolvidas na sua realização. Sobre tal ponto, em um dos relatos, foi citado que os pontos abordados no texto foram escolhidos a partir de uma das entrevistas com uma feirante, que trouxe reflexões para a estudante sobre o que significa fazer parte da feira. Nas palavras da estudante,

Eu quis contar um pouco sobre a feirinha pelo olhar da dona Vicentina porque ela me mostrou que a feirinha não é só um local de vendas e trocas, mas também um local de acolhimento e aprendizagem (Trecho do relato de estudante C).

Neste relato especificamente, é notável como a construção do texto se baseou nas interações que ocorreram durante a atividade e como estar em campo implica se atentar, para além do espaço físico, para a dinâmica dos indivíduos envolvidos no evento. Dessa forma, a experiência em campo é colocada como uma oportunidade para os estudantes se envolverem de maneira mais reflexiva, compreendendo o espaço e seus atores de forma integrada.

Durante a análise dos relatos, também foi observada a frequência da utilização de algumas palavras, como as destacadas a seguir:

Ver todo o carinho, dedicação e esmero que eles desempenham me fez querer que este trabalho seja visto, valorizado e cultivado. A feirinha é muito mais que um sábado para fazer a feira e as compras da casa (Trecho do relato de estudante B, grifo nosso).

Os envolvidos no projeto tiveram uma das suas metas concluídas, que era que os participantes fossem até a feira Raízes do Campo, entrevistassem os feirantes, tirassem as suas conclusões e valorizassem a agricultura familiar (Trecho do relato de estudante E, grifo nosso).

Os benefícios da feira são valorização cultural, saúde dos consumidores e uma boa saúde tanto física quanto psicológica. Com isso, a feira Raízes do Campo é um grande orgulho para Jaboticatubas (Trecho do relato de estudante F, grifo nosso).

Os participantes da Escola Estadual Cardeal Arcoverde aprenderam a valorizar tanto a feira quanto a agricultura familiar, além de ter uma noção maior da cultura de Jaboticatubas (Trecho do relato de estudante F, grifo nosso).

Os relatos dos estudantes desempenham um papel fundamental em dar vida ao projeto. Eles transcendem a função de documentar a atividade e oferecem uma narrativa envolvente que destaca, além dos resultados tangíveis, os aspectos imersivos e transformadores dessa experiência participativa. A presença de termos como "valorização" e variações do verbo "valorizar" nos relatos evidencia a compreensão dos estudantes sobre o propósito do projeto. Esses relatos revelam uma apreciação ativa da importância de estabelecer uma conexão mais

próxima com a feira e reconhecer seu valor intrínseco na comunidade, explorando para além das questões norteadoras das entrevistas.

Essa necessidade de aproximação com a feira, sentida pelos estudantes, é bastante oportuna ao nosso ver. Aqui concebemos as feiras agroecológicas como uma das formas de resistência ao modelo hegemônico agroindustrial, uma vez que priorizam as economias e mercados locais, promovem o comércio sem atravessadores e propõem novas relações sociais, baseadas no respeito e na transparência. Além disso, nossa concepção destaca, para além das feiras, a importância da construção de sistemas alimentares diversificados e sustentáveis, que garantam a soberania alimentar, o respeito às diversidades culturais, a substituição do uso de insumos químicos e o direito de todos ao acesso regular e permanente de alimentos de qualidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao destacar a importância da abordagem participativa, fica claro que essas atividades não são apenas uma via de mão única para a aquisição de dados. Elas criam uma plataforma de diálogo, em que estudantes, professores e agricultores se encontram em um terreno comum para compartilhar saberes, experiências e perspectivas. Essa troca de conhecimentos vai além do escopo estrito do projeto, estendendo-se para uma colaboração mais ampla e uma compreensão mais profunda da riqueza cultural da região.

A partir da experiência com os relatos de campo dos estudantes, é possível pensar outras linguagens para serem exploradas em atividades de extensão, como a fotografia, por exemplo. Além disso, há a possibilidade da realização de atividades que foquem na análise dos registros feitos nos cadernos de campo para explorar como cada pessoa organiza suas observações. Essa abordagem pode revelar variações individuais no registro das experiências, promovendo discussões sobre a subjetividade na observação e na documentação.

Além disso, os dados coletados pelos estudantes durante o trabalho em campo fazem parte do processo de elaboração do catálogo de receitas, na medida em que ajudam a contextualizar o envolvimento dessas famílias com práticas agroecológicas e com a feira. O fato dos estudantes serem os responsáveis pela coleta dos dados também colabora para um maior envolvimento deles nesse processo ao promover reflexões sobre como cada um se insere na realidade do município. Ao registrar as histórias, práticas e conhecimentos dos agricultores, os estudantes não partem das receitas para pensar o catálogo, mas das tradições e significados culturais que as cercam.

Nesse cenário, a aprendizagem não é mais uma via unilateral, onde os estudantes absorvem informações passivamente; ela se torna uma jornada coletiva, na qual todos os participantes são agentes ativos na construção do conhecimento. Essa abordagem, além de fortalecer os laços sociais, também promove uma apreciação mais profunda da diversidade de saberes e práticas que compõem a cultura local.

Além disso, esse processo não se encerra com a conclusão do projeto. Pelo contrário, ela estabelece um legado duradouro de entendimento e apreciação da riqueza cultural local. A construção de uma comunidade educativa mais coesa e consciente não é apenas um resultado tangível; é um investimento no futuro sustentável de Jaboticatubas, onde os saberes tradicionais continuam a prosperar e a comunidade se beneficia da preservação de sua identidade única.

Em relação às próximas etapas do projeto, esta experiência foi um resultado de uma construção participativa que continuará sendo parte de todo o desenvolvimento do catálogo de receitas. Dessa forma, será possível elaborar um material que não seja apenas a sistematização de receitas, mas uma maneira de perpetuar práticas e tradições que compõem a cultura de Jaboticatubas. Assim, este projeto representa não apenas uma pesquisa acadêmica, mas uma iniciativa transformadora que incorpora a visão de uma comunidade educativa mais vibrante e conectada. Uma jornada que vai além da mera documentação e contribui de maneira significativa para o enriquecimento sustentável da comunidade e além dela.

## REFERÊNCIAS

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, ANPED, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Sociedade E Cultura*, Goiânia, v. 10, n. 1, jan./jun. 2007, p. 11-27. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1719>>. Acesso em 30 ago. 2024.

BRUNHES, J. *Geografia Humana*. Barcelona: Editorial Juventud, S. A., 1964.

CARVALHO, M. J. L. de. *Gênero relato de experiência: um olhar sobre as estratégias cognitivas e discursivas em aquisição de linguagem*. 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6363/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

COSTA, R. *et al.* Sistemas alimentares, fome e insegurança alimentar e nutricional no Brasil.

Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2022.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 33ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

HISSA, C. E. V.; OLIVEIRA, J. R. de. O TRABALHO DE CAMPO: Reflexões Sobre A Tradição Geográfica. *Boletim Goiano de Geografia*, v. 24, n. 1, p. 31-41, 30 jun. 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/4131>>. Acesso em: 28 ago. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Jaboticatubas. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/jaboticatubas.html>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

MEDEIROS, C.; GONTIJO B.; SOBRAL J. Metodologias ativas de Territorialização da Agroecologia: a rede agroecológica de camponês a camponês Jabó/Santana (MG). In: VIII Congresso Brasileiro de Geógrafas e Geógrafos, São Paulo, AGB, 2024.

MENEZES, V. S. ; COSTELLA, R. Z.. NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS NA LICENCIATURA EM GEOGRAFIA: potencialidades para a construção da professoralidade. *Revista Brasileira De Educação Em Geografia*, 9 (18), 83–105. 2020. Disponível em: <<https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/633>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

MOREIRA, M. R.; PALHARES, V. de L. O papel da extensão universitária na comunidade: a feira agroecológica Raízes do Campo. *Anais do III Congresso de Inovação e Metodologias no Ensino Superior*. Belo Horizonte, UFMG, 2018. Disponível em: <<https://congressos.ufmg.br/index.php/congressogiz/CIM/paper/view/510>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

NEVES, K. F. T. V. . *Os Trabalhos de Campo no ensino de Geografia: reflexões sobre a prática docente na educação básica*. 2. ed. Ilhéus: Editus, 2015. v. 1. 139p. Disponível em: <[http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2016/os\\_trabalhos\\_de\\_campo\\_no\\_ensino\\_de\\_geografia.pdf](http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2016/os_trabalhos_de_campo_no_ensino_de_geografia.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2024.

PALHARES, V. L. Feira agroecológica, permanência em pequena cidade. In: *SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE CIDADES PEQUENAS*, 4., 2016, Ituiutaba, MG. Anais [...] Uberlândia: Observatório das Cidades, 2016. p. 1712-1724.

PAULA, A. M. N. R.; BRANDAO, C. R.; CLEPS JUNIOR, J. Pesquisa de Campo e em Campo, os Saberes das Histórias de Vida em Comunidades Rurais no Sertão de Minas Gerais. In: *VII Congreso Latinoamericano De Sociología Rural Asociacion Latinoamericana De Sociologia Rural*, 7, 2007, Quito-Ecuador. Anais do VII Congreso Latinoamericano De Sociología Rural Asociacion Latinoamericana De Sociologia Rural, 2007.

PIMENTA, S. G. As ondas críticas da Didática em movimento: resistências ao tecnicismo/neotecnicismo neoliberal. In: PIMENTA, Selma G.; LONGARESI, Andréa M.; PUENTES, Roberto V. (org.). *Didática Crítica no Brasil*. São Paulo (SP): Cortez Editora, 2023, v. 1, p. 17-49.



SALOMÃO DE FREITAS, D. P.; SILVEIRA W.; ESTEVEZ, P. R.. A RELAÇÃO ESTÉTICO-EDUCATIVA: REFLEXÕES EM PAULO FREIRE. In: *XVIII Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire: Fronteiras Freireanas: Diálogos e Trajetórias*, 2016, Jaguarão. Sistema Online De Apoio A Eventos - Soae, XVIII Fórum De Estudos: Leituras De Paulo Freire: Fronteiras Freireanas: Diálogos E Trajetórias. Jaguarão: Universidade Federal do Pampa, 2016. p. 1-12.

SANTOS, M. *METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO*: fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.